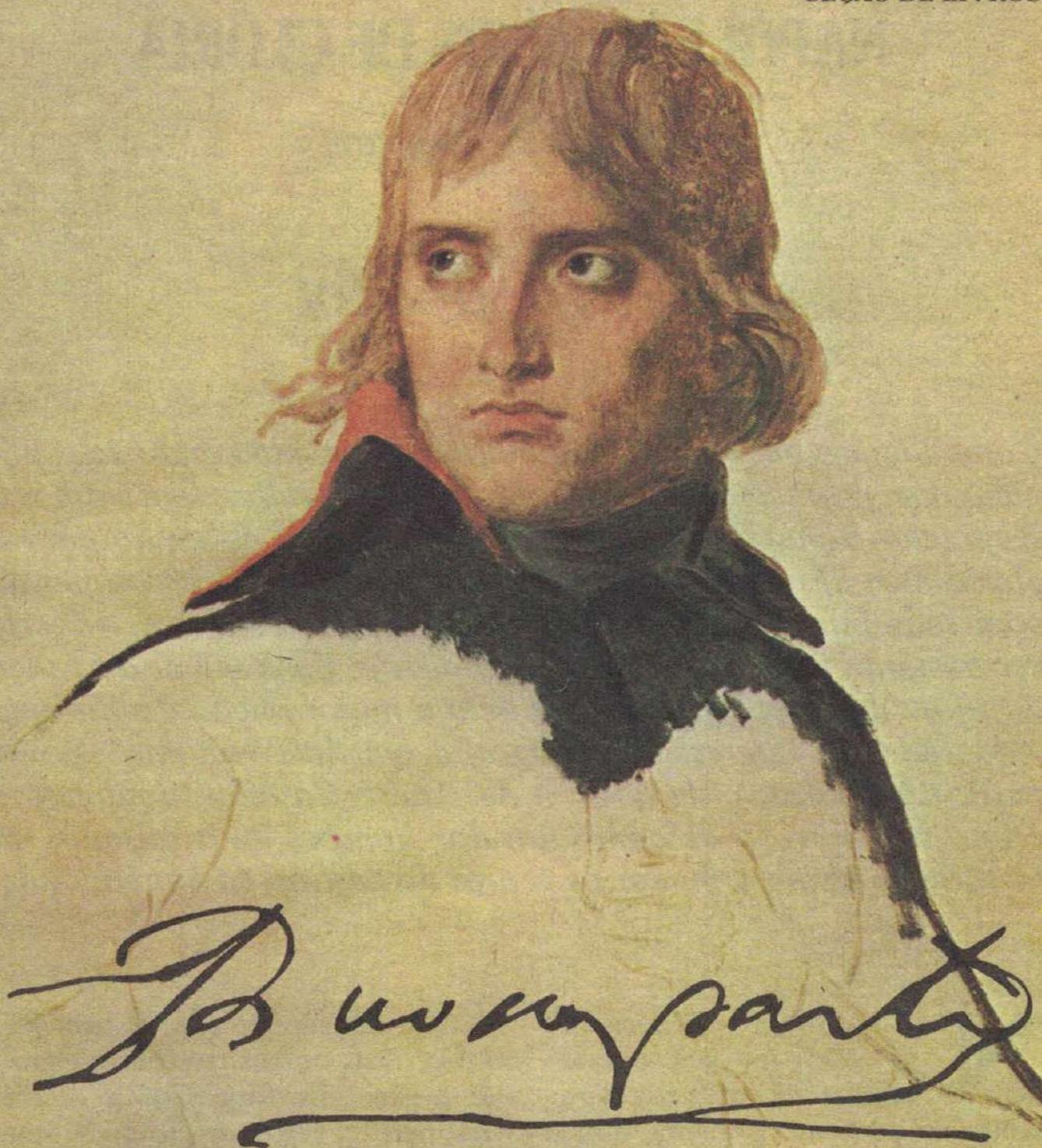


SEÇÃO DE LIVROS



*Bonaparte*

---

**NAPOLEÃO: ANOS DE GLÓRIA**

*Condensado de "Bonaparte"*

de

*André Castelot*

# NAPOLEÃO: ANOS DE GLÓRIA

*Condensado de "Bonaparte"*

de

*André Castelot*

*Comandando um exército de maltrapilhos, mantendo seus homens com promessas de vitória e travando batalhas sem canhões, Napoleão Bonaparte começou sua meteórica ascensão para a glória com desvantagem contra ele – pelo menos, assim pensavam seus inimigos. Nenhum homem, argumentavam, poderia ser bastante forte (ou ter visão suficiente) para salvar a França da ruína da Revolução e fazer dela a maior nação da Europa. Adaptado da interessante biografia em dois volumes (Bonaparte e Napoleão), de autoria de André Castelot, aqui está o relato assombroso de como um dos homens mais ousados da história se dispôs a mudar os ventos do destino da humanidade.*

**N**A TARDE de 17 de setembro de 1793, um desconhecido capitão de artilharia apresentou-se para sua primeira missão de combate no quartel-general do Exército Revolucionário, no Sul da França. Era baixo, muito pálido e tinha apenas 24 anos. Um cacho de cabelos castanhos caía-lhe sobre a testa alta, e os olhos luminosos não denunciavam nenhum indício de sua ambição e força de vontade. Tudo o que se sabia sobre esse desconhecido era o nome: Napoleão Bonaparte.

O jovem capitão não foi bem acolhido. Suas ordens, recebidas naquele mesmo dia (organizar a artilharia para o cerco de Toulon), contrariavam as do comandante, o General Carteaux, e o primeiro encontro dos dois homens foi breve e frio. «Não precisamos de mais preparativos», comentou Carteaux. Puxando o bigode caído, o ex-pintor continuou, sem cerimônia: «Assim mesmo, seja bem-vindo. Amanhã pode contemplar a cidade pegando fogo sem ter sido preciso o senhor se incomodar.»

ADAPTADO DO LIVRO BONAPARTE, DE ANDRÉ CASTELOT, COM INFORMAÇÕES ADICIONAIS FORNECIDAS PELO AUTOR

FACE: NAPOLEÃO (1797-98), DE JACQUES LOUIS DAVID MUSÉE DU LOUVRE-CLICHÉ DES MUSÉES NATIONAUX

Carteaux falava com firmeza, mas na realidade a situação era desesperada. Já se tinham passado quatro anos desde a Queda da Bastilha quando rebentou a Revolução. A partir daí, a guilhotina havia ceifado as vidas de mais de 11 mil franceses, homens e mulheres, inclusive a família real de Luís XVI e a flor da nobreza. A França ainda se contorcia em aflições, enquanto o governo revolucionário lutava contra elementos fiéis ao rei decapitado. Em Toulon, rebeldes realistas abriram seu porto aos ingleses, e a batalha começava a assumir tremenda importância para a França.

Para mostrar que tinha a situação sob controle, Carteaux na manhã seguinte convidou Bonaparte a ir com ele em sua carruagem para inspecionar as posições do exército republicano. Numa pequena colina, do lado oposto ao das tropas britânicas, bem defendidas, existiam diversos canhões instalados ao acaso em fortificações muito rudimentares. Carteaux desceu da carruagem e descansou um braço no pescoço de um cavalo, pousando o outro no sabre (uma pose, como Napoleão mais tarde recordou, que teria dado um bom retrato). Com arrogância, o general começou a inquirir seu ajudante-de-ordens. «Dupas!», indagou ele. «São aquelas as nossas baterias?»

«Sim, meu general», respondeu tremendo.

«E as nossas munições?»

«Ali, a quatro passos.»

«E as granadas para podermos incendiar as fortificações do inimigo?»

«Duas companhias estão construindo forjas para aquecer os projéteis.»

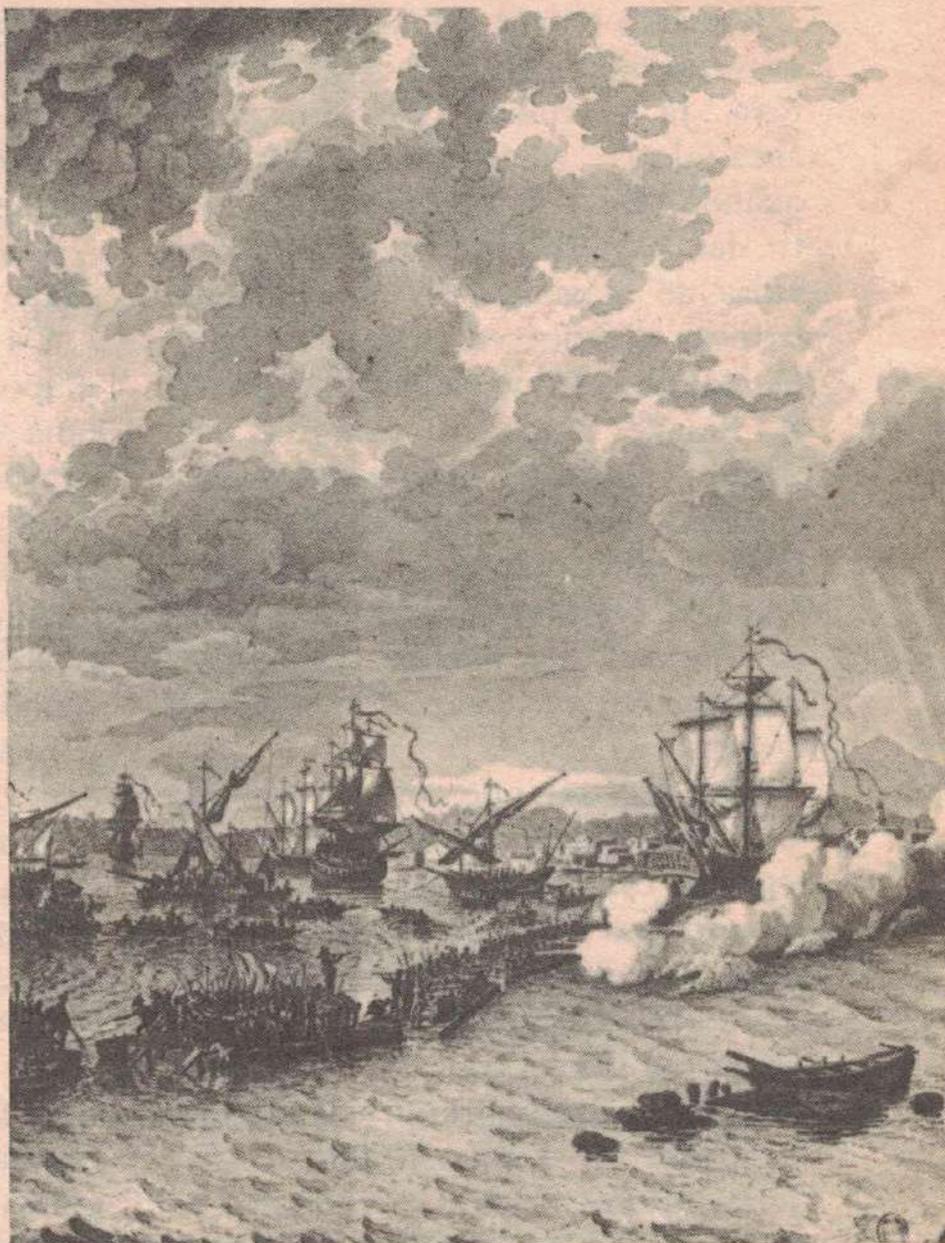
«Como vai você transportar e carregar esses projéteis quentes?»

Dupas fez uma pausa e respondeu: «Não sei.»

Os dois homens voltaram-se para Napoleão Bonaparte, procurando uma solução. A princípio, o jovem capitão pensou que estivessem brincando. A situação era absurda. Lutando para controlar seu temperamento, sugeriu da maneira mais diplomática possível que, primeiro, os canhões deviam ser experimentados, para ver se tinham alcance. Carteaux deu ordem para um canhão atirar. O projétil caiu a apenas um terço da distância do alvo! Os canhões estavam muito afastados para serem realmente eficazes. Carteaux e seu ajudante-de-ordens começaram logo a apresentar desculpas, acusando do erro «aqueles patifes de Marselha» (republicanos extremistas) que deviam ter sabotado o último fornecimento de pólvora. Abandonando seu ar reservado, Napoleão exigiu que lhe dessem o comando da bateria. Carteaux, de má vontade, assentiu.

Trabalhando sem dormir nas duas noites seguintes, Napoleão mudou os canhões para frente e construiu embasamentos sólidos para eles. Seus primeiros tiros tiveram notável êxito, forçando uma fragata que patrulhava perto do litoral a retroceder e fugir. Quando ele trouxe os canhões ainda mais à frente, para lançarem projéteis quentes sobre a fortaleza de La Seyne, os realistas abandonaram

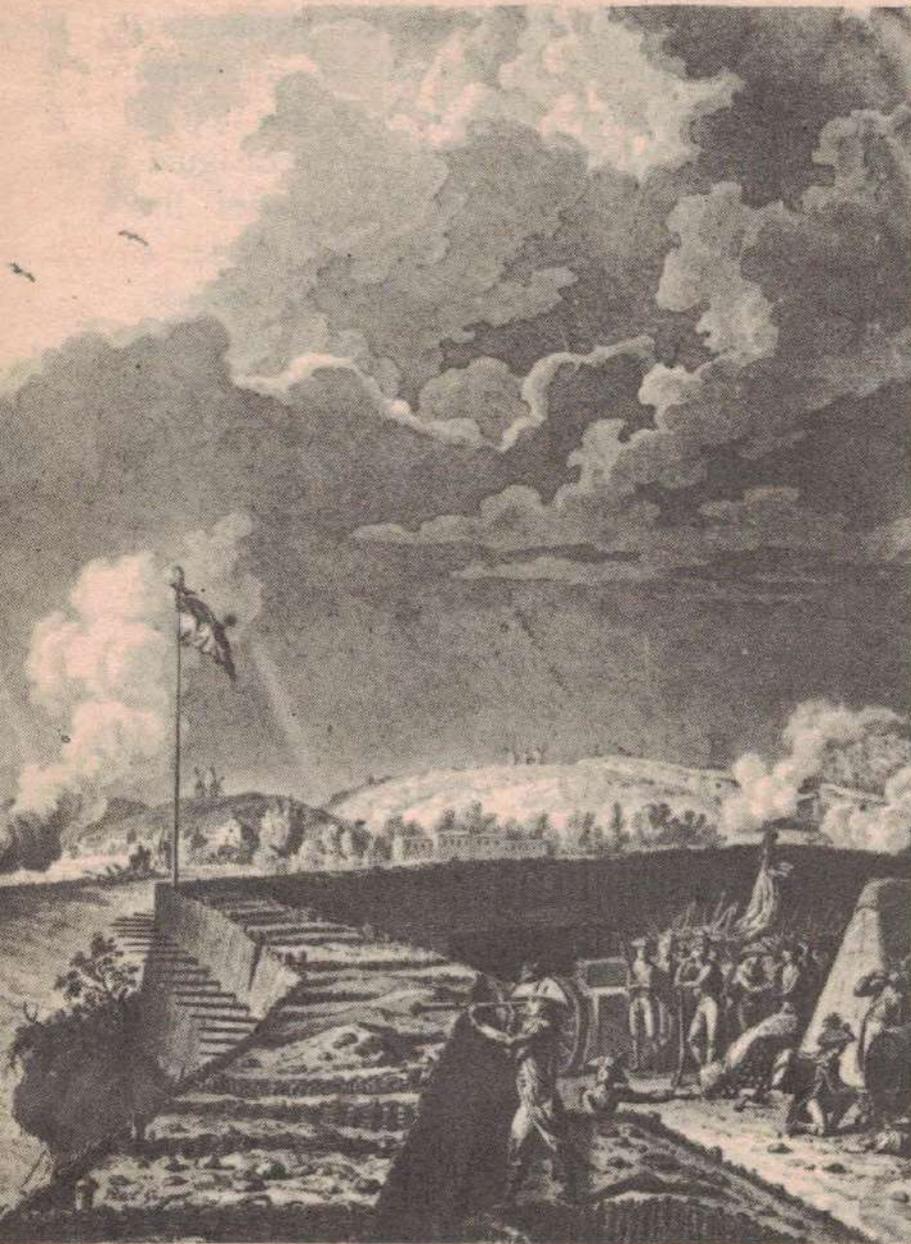
**Dugommier cedeu à admiração que nutria por Napoleão e rapidamente aceitou o seu plano para tomar a cidade.**  
*« Amanhã, ou depois de amanhã », exultava Bonaparte, « jantaremos em Toulon. »*



rapidamente a posição, antes que ela se incendiasse sobre suas cabeças. Bonaparte explicava sua tática aos soldados: «Há várias maneiras de se fazer guerra. Num cerco, devemos procurar que todo o fogo se concentre num único ponto.» Um mês depois, foi nomeado comandante de batalhão.

Desde o dia em que assumira o comando da bateria desorganizada, Napoleão havia insistido com Carteaux: «Tome os fortes realistas no extremo sul do porto e, dentro de uma semana, entrará em Toulon.»

Carteaux ouvira o «Capitão do Canhão» (como Bonaparte já era conhecido no exército), mas o general não conseguira desfechar um ataque eficaz, e os fortes, tão importantes, continuaram nas mãos dos realistas. Quando o Deputado Barras, do governo republicano de Paris, chegou para uma visita de inspeção, Bonaparte não perdeu tempo em dar-lhe as notícias. «Está tudo errado», disse ele ao visitante que o acompanhava. «Entendo algo de artilharia, mas nada do que ordeno é cumprido.»



BIBLIOTECA NACIONAL DE PARIS, FOTO GIRAUDON

O inspetor ouviu atentamente e destituiu Carteaux do comando. O novo general, porém, não era melhor. Antigo deputado de uma assembleia de província e médico em Sabóia, admitiu sua incompetência em questões militares (fracasso que Napoleão logo fez ver ao infortunado homem), e também ele deixou sua posição.

O terceiro general, Dugommier, cedeu inteiramente à admiração que nutria por Napoleão e rapidamente aceitou seu plano para tomar Toulon.

A estratégia era simples, mas engenhosa. A artilharia avançaria em etapas sucessivas para dar cobertura de fogo à infantaria e, na manhã de 16 de dezembro, Napoleão comandou pessoalmente o ataque através de uma chuva torrencial que prejudicava a visibilidade. A primeira etapa do avanço foi bem sucedida. Embora tivesse sofrido um ferimento a baioneta na barriga-da-perna, Napoleão parecia estar em toda parte, incentivando os homens a atacar novamente. Quando o fogo inimigo os encurralou, os oficiais de infantaria só recorreram a um homem para ajudá-los. «Dirija-se ao comandante da artilharia», diziam eles, com frequência, a seus mensageiros. «Ele conhece o terreno melhor que ninguém.»

A chuva continuava. O primeiro forte realista caiu. Napoleão ordenou que os canhões fizessem fogo contra a linha seguinte de baterias que defendiam o porto. Sob a cobertura dessa nova saraivada de granadas, a infantaria republicana atacou tão depressa que os britânicos recuaram sem destruírem os canhões. Novamente Napoleão ordenou que as peças de artilharia capturadas fossem voltadas para outro alvo. Dentro de minutos, todos os navios no porto e toda a cidade estavam sob o fogo. «Amanhã, ou depois de amanhã»,

exultava Bonaparte, antevendo sua futura vitória, «jantaremos em Toulon.»

De acordo com sua predição, os britânicos fugiram de Toulon e as tropas republicanas ocuparam a cidade. O nome de Napoleão passou a andar nas bocas de todo mundo. Um general do estado-maior republicano escreveu ao ministro da guerra em Paris: «Não tenho palavras para descrever o valor de Bonaparte — muitos conhecimentos, muita inteligência e muitíssima coragem. Está em suas mãos consagrá-lo, para glória da República.» Dugommier, que tivera a feliz idéia de permitir que o jovem capitão lutasse como desejava, disse: «Mesmo que não reconhecêssemos o valor desse oficial, ele subiria por si mesmo.»

Três dias antes do Natal, Bonaparte foi promovido a general-de-brigada. Havia conseguido galgar todos os postos desde capitão a general.. em apenas quatro meses!

### «Só nos ajoelhamos perante Deus!»

BONAPARTE foi uma criança irrequieta que nasceu numa época tumultuosa. Nos meses que antecederam seu nascimento em 15 de agosto de 1769, a mãe e o pai lutavam como guerrilheiros nas agrestes montanhas da Córsega, para evitarem que sua terra natal caísse em poder dos franceses. Estes, porém, subjugarão brutalmente os insurretos. Voltando à casa da família em Ajácio, a mãe de Napoleão fez votos para que a criança que trazia no ventre viesse a ser quando homem «o vingador da Córsega».

A combinação do temperamento violento da mãe com as maneiras desabridas e perdulárias do pai deu ao jovem Napoleão uma natureza igualmente buliçosa. Suas emoções lhe afloravam com muita facilidade, e cedo foi apelidado de *Rabulione*, que, em italiano, significa «que está metido em tudo». Os gritos de seus oito irmãos (rapazes e moças) ouviam-se continuamente pela casa, quando algum deles era vítima de suas travessuras. «Ai de quem me dissesse o que eu devia fazer!», recordou Napoleão mais tarde. «Eu não temia ninguém. Batia num, arranhava outro. Era terrível com todos.»

Apesar disso, ele se revelara incrivelmente estóico. Um dia, sua irmã Mariana, que mais tarde se chamaria Elisa, acusou-o falsamente de ter roubado uma cesta de fruta do jardim de um tio padre. Napoleão se recusou a confessar o crime. Então, a família tirou-lhe as calças, espancou-o e, durante três dias, só lhe deu pão duro e queijo para comer. Em todo esse tempo, Napoleão não disse palavra. No quarto dia, uma amiga de Mariana revelou que ela e a própria Mariana eram as verdadeiras culpadas. Quando os pais perguntaram a Napoleão por que não lhes dissera que as meninas é que tinham roubado a fruta, ele respondeu que não confessara porque isso teria comprometido a amiga da irmã, e ela não sabia da mentira de Mariana.

Educar Napoleão foi um problema. A família Bonaparte era pobre, e o pai de Napoleão só trabalhava esporadicamente em empregos públicos sem



BIBLIOTECA NACIONAL DE PARIS. FOTO DE GIRAUDON-LAUROS

*Napoleão na Escola Militar de Brienne, em 1783,  
por Nicolas-Toussaint Charlet*

importância. A solução foi dada pelo Rei Luís XVI, coroado havia pouco tempo, que tentou melhorar as relações da França com a Córsega oferecendo bolsas-de-estudos a crianças corsesas, cujas famílias pudessem provar que tinham tido ancestrais nobres ao longo de quatro gerações. A família Bonaparte comprovou sua

linhagem e, aos nove anos, Napoleão foi enviado para uma escola primária perto de Lyon.

O menino se sentiu inteiramente perdido, após sua primeira viagem para longe da ilha onde nascera. Detestou a comida e os costumes franceses. Acostumado ao clima quente da Córsega, ficou horrorizado ao

encontrar gelo na bacia do lavatório de seu quarto sem aquecimento. Chorava, quando os colegas o ridicularizavam. Ninguém gostava das maneiras rudes de Napoleão, da sua cor pálida, nem de sua pequena estatura; por isso, ele ficou muito contente quando, naquela primavera, ingressou na Academia Militar de Brienne. Enganava-se, porém, ao esperar que a vida ali melhorasse. A alta-sociedade de Brienne zombava muito mais dele do que os estudantes da burguesia de Autun. No seu primeiro dia na escola, apresentou-se como *Napollioné*. Sua pronúncia corsa, que acentuava o *e* final, fez com que os outros meninos rissem. Logo principiaram a entoar uma cantiguinha maliciosa: «*Napollioné, la paille au nez*» (a palha no nariz). O apelido pegou.

Amargurado com o motejo, Napoleão começou a se retrair. Muitas vezes, permanecia sentado horas e horas no pequeno jardim, onde o diretor, muito compreensivo, o deixava ficar. Ali, podia estar só entre as flores e a salvo da risota dos companheiros. Outra tortura era a rígida disciplina da escola. O castigo pela mais leve infração ao regulamento consistia em usar camisas de lã muito ásperas que esfolavam a pele dos meninos até a deixarem em carne viva. Como era o estudante mais orgulhoso da escola, Napoleão odiava tal suplício. Certa vez, quando lhe disseram que, devido a uma pequena falta, ele teria de comer ajoelhado à porta do refeitório, entrou muito abatido na sala, perante os olhares de todos, pálido e nervoso, com um semblante inexpressivo. De

repente, começou a tremer e vomitou. Então, batendo os pés com raiva, gritou para o professor: «Comerei de pé, professor, e não de joelhos. Na minha família, só nos ajoelhamos perante Deus!»

Demasiado franzino para lutar com os fanfarrões mais corpulentos, Napoleão se vingava com paciência e astúcia. Uma vez, quando participava de uma batalha simulada, seus companheiros reuniram um improvisado conselho de guerra para lhe retirarem a patente de capitão, que os professores lhe haviam dado, e o rebaixarem ao posto de soldado, sob a alegação de que ele era incapaz de comandar alguém. Napoleão controlou sua raiva durante um ano, até o inverno seguinte, quando o chão estava coberto de neve. Então, sugeriu que seus colegas construíssem um forte de neve e fizessem um cerco. «Fui o inventor da brincadeira», anunciou ele, «por isso comandarei o ataque.» O cerco durou duas semanas. Como as bolas de neve que serviam de projéteis levavam pedras dentro, houve vários feridos. Na qualidade de comandante do cerco, Napoleão saboreou sua vingança.

Embora sendo retraído com os colegas, ele era decidido nos estudos. Muitas vezes, estudava até as três ou quatro horas da manhã. Ainda que sua mãe se tivesse referido a ele dizendo «este é, dos meus filhos, o que me dá menos esperanças», quando se formou em Brienne, suas últimas notas demonstravam bem a inteligência que desabrochava, sua personalidade e seu futuro. Um professor

observou que ele era excelente em matemática, razoável em história e geografia, mas muito fraco em gramática. Com grande antevisão a respeito do futuro desse jovem de comportamento irregular, outro professor o classificou de «arrogante e teimoso».

### Sem comando

DEPOIS de mais um ano de estudos na Escola Real de Cadetes em Paris, Napoleão finalmente recebeu sua espada e as insígnias de prata, distintivos de sua patente de segundo-tenente do exército. Tendo sido colocado num regimento, o jovem militar, então com 16 anos, imediatamente tomou um coche e foi para Valence. Ali, porém, sem dinheiro para gozar os divertimentos das horas de lazer, como seus camaradas oficiais, em breve descobriu que a vida de caserna podia ser bem aborrecida.

Como resultado disso, passava as horas vagas num quarto minúsculo que alugara por cima de um salão de bilhares de um café, onde lia sofregamente livros que pudessem ajudar sua carreira, como tática de cercos, comando de artilharia, a *República* de Platão, as constituições dos estados espartano, ateniense e persa, a história da Inglaterra e as campanhas de Frederico o Grande. Fazia anotações meticolosas, que encheram mais de 400 páginas de cadernos, e começou a escrever ensaios sobre a estratégia da artilharia, os privilégios da autoridade e a incompetência do homem. «Homens verdadeiramente grandiosos são como

meteoros; brilham e se consomem para que possam iluminar as trevas de sua época.» No diário, confessava seu amor pela Córsega e o desejo ardente de ver a terra natal livre novamente. «A França, roubou-nos a pátria e está corrompendo nosso moral», declarava ele, «e eu não tenho poder para ajudar.»

A oportunidade de agir como libertador chegou inesperadamente com a deflagração da Revolução Francesa. Napoleão estava passando as férias com a família e, à medida que a Revolução evoluía, ele notava várias facções políticas competindo pelo controle da ilha. Abandonando suas reservas, aliou-se à Guarda Nacional Corsa e tentou sem sucesso subjugar a guarnição militar francesa ali aquartelada. Uma atitude tão temerária quase levou Napoleão a uma corte marcial pelo crime de rebelião (ainda era oficial do exército francês), mas a confusão reinante em Paris o salvou. A seguir, numa reviravolta, Napoleão se colocou ao lado do ideal da Revolução (mas nunca com o povo), e começou a lutar contra seus compatriotas que desejavam cortar relações com a nova França. Em consequência disso, foi chamado de «traidor da Córsega»; a casa de sua família foi pilhada, confiscada e parcialmente queimada, e ele fugiu para o continente — o que motivou seu primeiro combate e a vitória em Toulon.

Com antecedentes tão tumultuosos, era muito natural que Napoleão não ficasse satisfeito com suas ambições militares. Assim, poucos meses depois de ter sido feito general, começou a

aspirar por mais autoridade. Sozinho, fez uma avaliação da capacidade de estratégia militar na região sueste da França, mostrando claramente os perigos que ameaçavam a tropa ali instalada, e enviou o relatório ao ministro da guerra em Paris. Napoleão sugeria que se os portos do Mediterrâneo não fossem defendidos de ataques, as rotas de abastecimento do exército poderiam ser cortadas a qualquer momento. Inúmeras fortificações teriam de ser construídas imediatamente. Napoleão propunha que ele próprio superintendesse os trabalhos.

O resultado era previsível: o governo de Paris promoveu Napoleão a inspetor-geral e lhe entregou a supervisão do projeto. Então, o jovem general se excedeu. Em sua precipitação para reconstruir o forte de São Nicolau, em Marselha, de modo que dominasse a cidade, esqueceu as conseqüências políticas de sua atitude. O forte fora usado como prisão política pelo Rei Luís XIV, e alguns rebeldes o haviam demolido durante a Revolução; para o povo do Sul da França, era outra Bastilha, que nunca deveria ser reconstruída. O clamor público sobre o assunto deu aos inimigos de Napoleão (que temiam sua fama crescente) no poderoso Comitê de Salvação Pública o pretexto ideal para pedirem sua prisão.

O auxílio veio de um lado inesperado. O homem mais forte da França, o Presidente Maximilien Robespierre, e seu brilhante irmão, Augustin, tinham seus próprios planos. Pretendiam iniciar uma campanha militar

audaciosa, e o gênio de Bonaparte era necessário. Para salvar Napoleão, Augustin, primeiro, lhe ordenou que esquecesse o forte de São Nicolau. A seguir, explicou cuidadosamente ao Comitê o valor do general, e as acusações foram retiradas. Poucas semanas depois, Bonaparte foi novamente promovido – a comandante de artilharia do exército. Sua missão era preparar uma invasão da Itália.

Dentro de um mês, Napoleão entregou a Augustin os planos para uma campanha genial. Depois de uma série de rápidos ataques-relâmpago para dividir as forças esmagadoras do inimigo, Bonaparte propunha tomarem as cidades de Turim e Milão e então, de repente, voltarem-se para o norte, a fim de conterem os austríacos em seu próprio país, capturando desse modo todo o Norte da Itália. As primeiras fases transcorreram normalmente e, no verão de 1794, as tropas francesas venceram numerosos combates. Em agosto, Napoleão voltou para Nice a fim de passar férias na Riviera e saborear suas vitórias. Então, um mensageiro de Paris irrompeu em sua casa. Nove dias antes, a Assembléia Francesa, desgostosa com o sangrento governo dos Robespierres, declarara os dois homens criminosos. Os irmãos tinham sido presos e guilhotinados. O pior de tudo era que, devido à sua íntima ligação com os líderes mortos, Napoleão fora acusado de traição, destituído do comando e mantido sob prisão em casa!

Durante doze dias, Bonaparte permaneceu em sua residência, en-



*«13 Vendémiaire 1795». Bonaparte disparando contra os rebeldes nas escadarias da Igreja de Saint-Roch, em Paris*

quanto com seus amigos escrevia apelos a Paris. «Homens com tal coragem são difíceis de encontrar», declarava o General Dumerbion, seu oficial-adjunto. «Aqui estou, sem honra e sem julgamento», escrevia Napoleão emocionado. «Abandonei minha terra natal, meus bens, sacrifiquei tudo pela República. Livrem-me desta injustiça e me devolvam o amor patriótico!» Abalado por tais comentários, o governo cedeu e o libertou.

A sorte de Napoleão, porém, se deteriorara. Em janeiro de 1795, foi enviado numa expedição naval desti-

nada ao fracasso. Ao voltar, recebeu um posto de comando secundário em Vendée. Essa missão foi tão odiosa (uma guerra civil onde teria de lutar contra outros franceses) que Napoleão decidiu ignorar as ordens e voltou para Paris em busca de um posto melhor.

Não podia ter escolhido um momento pior para fazê-lo. Logo depois de sua chegada, parisienses famintos tinham invadido a Convenção, exigindo comida e dinheiro. Napoleão ignorou o tumulto que abalava a cidade, arranhou quarto num hotel barato e se dispôs a falar com Aubry,

ministro da guerra. O ministro, que, aos 45 anos, era apenas capitão e nunca tinha participado numa batalha importante, olhou desdenhosamente o cabelo despenteado de Napoleão e suas botas sujas e, bruscamente, reiterou suas ordens para que assumisse o comando contra os insurretos, em Vendée. Encolerizado, Napoleão retorquiu: «Um homem envelhece depressa no campo de batalha, e eu acabo de vir de lá!» Dizendo isto, saiu num rompante.

Durante dois meses, assediou todos os funcionários importantes em Paris, mas nada conseguiu. Com o correr dos dias, Bonaparte se tornara taciturno e, depois, completamente desanimado. Sem tostão (pois seu salário tinha sido cortado pela metade quando não se apresentou após sua nomeação para Vendée), mudou-se para um hotel ainda mais ordinário, onde comia uma refeição barata por dia. No fim de setembro, estava magro e pensando em suicídio.

#### «Traga os canhões!»

ENQUANTO Napoleão jazia desanimado em sua cama, as circunstâncias uniam definitivamente seu destino ao da República. Depois da queda dos Robespierres, a Convenção tinha preparado uma série de Constituições. Então, um grupo de deputados coniventes, liderados pelo Deputado Barras, conhecido como «o mais venal dos venais», tinha engendrado com sucesso um plano em que os membros do governo deposto assumiriam o controle do novo regime.

Consternados com tal corrupção, os comerciantes de Paris se aliaram aos realistas em mais outra revolta. Espingardas que tinham sido usadas seis anos antes para invadir a Bastilha foram retiradas dos esconderijos em sótãos e porões. Na manhã de 4 de outubro, o espírito revolucionário havia atingido um estado febril e, quando Napoleão caminhava para tomar o café-da-manhã na casa de alguns amigos, teve de abrir caminho em meio de grupos de jovens revoltados. Ao meio-dia, uma multidão invadiu a bolsa de valores, forçou seu fechamento e, ao anoitecer, dois terços de Paris estavam em franca revolta. A Convenção ordenou que tropas impedissem a multidão de invadir o Palais Royal, mas os soldados, cujo general estava tão amedrontado como eles, se afastaram e deixaram o povo percorrer as ruas à vontade, incentivando os retardatários em suas casas para se juntarem às manifestações, gritando: «Viva o Rei!» À noite, um temporal se abateu sobre a cidade, e o barulho dos trovões se juntava ao do rufar dos tambores, enquanto os realistas incitavam seus homens às armas.

Esses acontecimentos levaram o pânico à Convenção, e seus membros se voltaram para Barras, que havia comandado as forças policiais contra Robespierre, suplicando-lhe que dispersasse a multidão. «Estou no meu posto! Que cada homem fique no seu!», gritava Barras, enquanto a Convenção aplaudia. Eram palavras ousadas para um antigo segundo-tenente que pouco conhecia de guerra.

Prudentemente, pediu à Convenção que nomeasse um general experimentado para seu adjunto. «Napoleão Bonaparte!», gritou um deputado.

Durante todo o tempo, Napoleão tinha estado sentado nos balcões ouvindo o debate. Então, sem perder um minuto, correu com Barras para o quartel-general. Assumindo o comando, Napoleão começou a inquirir o pessoal.

«Quantos soldados temos?»

«Cinco mil.»

«Não é muito. E artilharia?»

«Há 40 canhões no campo de Sablons, fora de Paris.»

Impressionado com a falta de efetivos, Napoleão chamou um oficial de cavalaria. «Pegue 200 cavalos e vá a Sablons o mais depressa possível. Faça o que for necessário, mas, pelo amor de Deus, traga os canhões.»

Enquanto Napoleão esperava a artilharia, cerca de 30 mil manifestantes, liderados pelos realistas, juntaram-se diante da igreja de Saint-Roch ao longo da Rue Saint-Honoré. Os canhões de Napoleão chegaram ao amanhecer, e ele habilmente ordenou que fossem colocados em duas baterias do outro lado da igreja. Depois de desviarem a atenção dos revoltosos, as forças de Napoleão, mais numerosas, obrigaram os rebeldes à luta corpo a corpo. No momento crucial, ordenou que os canhões atirassem diretamente sobre a multidão compacta. O sincronismo da barragem, e a carnificina que ela criou, arrefeceu o ímpeto da multidão, e os agitadores se dividiram, correndo em duas direções e se pisando na fuga.



«*Joséphine de Beauharnais*»,  
por *Baron Gros*

Enquanto os feridos jaziam gemendo nos salões da Assembléia, os deputados radiantes nomeavam Napoleão segundo-comandante do exército nacional. Quinze dias depois, quando Barras foi eleito líder do novo governo, Napoleão recebeu o cargo de comandante do exército. Da noite para o dia, sua vida mudara. A pobreza que o atormentava se desvanecera. Tinha agora um bom salário e uma casa bonita na Rue des Capucines. Ele, que antes mal penetrara na vida social parisiense, era agora convidado para *soirées* e jantares oferecidos pelas mulheres mais belas e pelos homens mais influentes da França. Napoleão, porém, ainda



*«Rivoli» (14 de janeiro de 1797), por Carle Vernet*

pretendia mais duas coisas: o posto de comandante-supremo do exército na Itália e uma mulher que pudesse favorecer sua carreira.

**Esta noite não, Josefina!**

COM a mesma precisão e sangüefrio que usava para comandar uma

campanha militar, Napoleão se dispôs a escolher uma esposa. Sua mulher, decidira ele, devia possuir, acima de tudo, boas maneiras e uma aparência atraente que pudesse ser usada para auxiliá-lo em suas ambições; o amor não era necessário. Abandonando uma namorada de Nice, voltou suas atenções para Madame Permon-



Comnène, uma simpática amiga de sua mãe, muito mais velha que ele. Em certa manhã de novembro, ele entrou em sua sala de visitas e lhe propôs casamento. Inteiramente tomada de surpresa, a senhora começou a rir, mas, controlando-se, respondeu: «Meu caro Napoleão. Tem realmente alguma idéia de minha idade?»

Napoleão retrucou: «Se, tal como a senhora, a idade também aparentar só 30 anos, não me importo com ela. Meus amigos parisienses desejam que eu me case com uma mulher que seja boa, atraente, agradável e das melhores famílias da cidade. Meus antigos amigos pretendem que eu esqueça essa idéia, mas eu *quero* me casar, e a senhora me agrada em muitos aspectos. Pense nisso.»

Madame Permon não mudou de idéias, mas, felizmente, Bonaparte conhecera uma senhora chamada Rose de Beauharnais poucos meses antes. Assim como Napoleão procurava uma esposa, ela precisava de um segundo marido. Com apenas 33 anos, Rose era descendente de colonizadores franceses da ilha da Martinica, nas Caraíbas; seu primeiro marido, um belo aristocrata, fora guilhotinado depois da Revolução e Rose jogada numa prisão. Após ser libertada, ela havia conhecido diversos protetores, pelo que podia fazer uma vida bastante luxuosa e ainda cuidar de seus dois filhos.

No momento, Rose era amante do Deputado Barras, mas receava que este estivesse se cansando de seus encantos e de suas extravagâncias. Um amigo de confiança disse-lhe que Napoleão «seria um grande homem» e, ao que ela supunha, abastado também. Como desejava um homem assim para marido (mesmo sendo baixo, magro e pálido), escreveu-lhe uma carta. «Você já não visita uma amiga que o estima», declarava ela, embora tivesse conhecido Napoleão apenas ligeiramente.

«Você a abandonou completamente, mas está enganado. Venha almoçar comigo amanhã. Preciso vê-lo e conversar sobre assuntos de seu interesse.» Assinava a carta: «Com um abraço, Viúva Beauharnais.»

O convite atingiu o alvo. Napoleão lembrava-se da viúva como uma mulher extremamente simpática. Quando a conhecera em festas, tinha se impressionado com sua beleza. Rapidamente, escreveu a resposta: «Não posso imaginar a razão do tom de sua carta. Peço-lhe acredite que ninguém anseia mais por sua amizade do que eu, que ninguém pode estar mais desejoso de ter uma oportunidade para provar isso. Se meus deveres o tivessem permitido, eu teria ido em pessoa entregar esta mensagem.» Encontraram-se para almoçar e, desde o momento em que Napoleão pôs os pés na luxuosa casa de Rose, com lindos painéis de madeira e magníficas tapeçarias, sucumbiu completamente sob o encanto da mulher.

Para conquistar o general, Rose desencadeou uma «campanha» que igualava os esquemas táticos do próprio Napoleão. Primeiro, ofereceu-lhe uma lauta refeição; depois, encaminhou Napoleão à sala de visitas para discutirem negócios, pois não desejava que aquele primeiro encontro fosse romântico. Muitas mulheres podiam oferecer amor físico a Napoleão, mas poucas lhe poderiam dar prestígio. Conduzindo habilmente a conversa, ela tocou no desejo de Napoleão de comandar o exército da Itália, mencionando que talvez ela própria pudesse sugerir essa promo-

ção a seu bom «amigo» Barras. Sem suspeitar da ligação de Rose com Barras, Napoleão passou a ser um convidado regular da casa dela na Rue Chantier e, numa noite chuvosa daquele inverno, tornaram-se amantes.

Pouco depois, Napoleão começava a chamar Rose por um nome novo, Josefina, pelo qual nunca fora tratada por homem algum, e que a fazia só dele. Tentando descrever suas emoções, na manhã seguinte, antes que ela acordasse, o general escreveu uma nota onde revelava estar irremediavelmente apaixonado. «Seu rosto e a lembrança do êxtase da noite passada não me deixaram dormir», declarava ele. «Doce, incomparável Josefina. Que efeito estranho você tem sobre os meus sentidos! Seus beijos queimam em meu sangue.»

Quase tão feliz com tudo isso como Napoleão estava o Deputado Barras, que, secretamente, vinha desejando uma maneira de cortar relações com aquela mulher extravagante. Fingindo dar um conselho paternal a Napoleão, Barras disse-lhe um dia: «Seria melhor para você mandar para sua família o dinheiro que tem gasto com Madame Beauharnais. Você a tem tratado como um de seus soldados, dando-lhe parte dos despojos.»

«Se esses presentes fossem de casamento, que diria você?», retrucou Napoleão.

«Bem!...» — Barras fez uma pausa, sem deixar transparecer no rosto seus verdadeiros sentimentos, «vou lhe dizer sinceramente. Por que não casar? Você é só; não tem responsabilidades.

Além disso, um homem casado tem um lugar na sociedade. Oferece maior resistência aos inimigos e, o que é mais importante, Josefina pertence tanto ao antigo governo como ao novo. Ela será um bom trunfo para você, e a casa dela é a melhor de Paris.»

Seguindo o conselho, Napoleão pediu a Josefina que se casasse com ele. Radiante, ela aceitou e marcaram o dia. Enquanto isso, os modos ríspidos de Napoleão se suavizavam. Começou a ser «espirituoso» e, pela primeira vez, as outras pessoas pareciam gostar de conversar com ele. Seu ânimo se desanuviou ainda mais quando soube que, como presente de casamento, Barras o nomeara para comandar o exército da Itália.

Assim, na tarde de 9 de março, reuniram-se os convidados no gabinete do prefeito para o casamento de Bonaparte com Josefina, esta muito bonita, num vestido de musselina branca bordada com florzinhas tricolores. O Deputado Barras, que era uma das testemunhas, olhava o relógio com nervosismo — Napoleão estava atrasado duas horas. Teria o noivo descoberto a vida extravagante de Josefina?, imaginava Barras. Teria Napoleão mudado de idéia? De repente, ouviu-se lá fora o tilintar de metais da espada, e Napoleão entrou apressado pela porta. «Vamos começar!», disse ele ao comissário que devia realizar a cerimônia. «Case-nos depressa!» Cinco minutos depois, ele e Josefina eram marido e mulher.

Três dias após, Napoleão partiu para a guerra na frente italiana.

A bela Josefina tinha se agastado sozinha, no quarto espelhado, enquanto Napoleão trabalhava nos últimos preparativos de seus planos de batalha. «Tenha paciência, minha querida!», explicava ele, quando Josefina se queixava. «Teremos tempo para isso depois da vitória!»

### A glória será sua

O EXÉRCITO francês da Itália esperava ansioso pela chegada de Napoleão. Haviam-se passado três semanas desde sua nomeação; enquanto isso, os oficiais se divertiam criticando sua mocidade e inexperiência. Finalmente, depois de uma morosa viagem desde Paris, chegou em Nice a 27 de março, quando os oficiais deviam ter seu primeiro encontro com ele.

Assim que estes entraram nos aposentos de Napoleão, o primeiro olhar ao novo comandante parecia confirmar seus receios. Baixo e muito magro, Napoleão estava enterrado em seu uniforme, com o cabelo castanho completamente despenteado. Quando, amorosamente, tirou do bolso, um retrato de Josefina e o mostrou, todos murmuraram em delicada aprovação, mas, disfarçadamente, trocaram olhares matreiros uns com os outros. De repente, Napoleão, que tinha tirado o chapéu de plumas para forçar os oficiais a seguirem-lhe o exemplo, colocou-o novamente — e sua aparência mudou. Parecia ter ficado mais alto, ter-se tornado severamente rígido e autoritário. Desfechava perguntas a seus subordi-

nados, sobre quais eram os efetivos do exército, a qualidade do equipamento e o moral da tropa. As respostas eram desanimadoras. O exército, de 37 mil homens, estava quase sem pão; não havia carne. Muitos soldados não tinham armas; outros não dispunham de mais que chumaços de palha para usar em lugar de botas. Não havia um tostão para comprar gêneros de primeira necessidade, e os soldados não eram pagos havia semanas.

Escondendo seu desânimo, Napoleão ordenou uma inspeção geral para o dia seguinte e dispensou os oficiais. Dirigindo sua ira contra as ordens apressadas, despachou mensageiros para Marselha e Gênova, a fim de requisitarem os suprimentos necessários. Dentro de 48 horas, com grande surpresa para todos, o exército recebeu 12 mil pares de botas e comida para uma semana.

Depois que os homens haviam sido alimentados, Napoleão preocupou-se com a questão da disciplina. «Manterei a ordem, ou desistirei do comando destes bandoleiros», informou ele a Paris. Não falava por falar. Quando um batalhão se recusou a obedecer porque não tinha recebido o soldo, Napoleão dissolveu a unidade e distribuiu os homens pelas outras do exército. Daí em diante, os soldados resmungavam mas cumpriam as ordens.

O mais difícil era o moral. Os homens eram apáticos e não demonstravam entusiasmo. Anos de campanhas sangrentas aliadas a um incrível desmazelo haviam destruído sua vontade de lutar... e seu patriotismo. Reunindo o exército para uma revista for-

mal, Napoleão correspondeu à contidência e, então, caminhou vagarosamente por entre as fileiras, conversando amigavelmente com cada um sobre seus problemas: família, equipamento, esperanças e temores. «Em breve, vocês dirão com orgulho: 'Eu estive no exército da Itália'», explicou ele aos soldados. Depois, montando seu cavalo, ordenou silêncio e sua voz ecoou pelo quartel: «Soldados! Vocês estão sem sapatos, capotes, camisas, e têm pouco pão. Embora a França deva muito a vocês, seus celeiros estão vazios... mas os do inimigo, abarrotados. Depende de vocês tomá-los. Vamos a eles!»

A tropa irrompeu em aplausos. Os homens confiavam em seu comandante e, a 2 de abril de 1796, ao clangor dos clarins, Napoleão comandou seu exército para fora de Nice, a fim de lutar com as forças, mais numerosas, da Áustria e do Piemonte.

Os que criticavam Napoleão achavam que aquela campanha era «obra de um louco, que só podia ser empreendida por um irresponsável». Napoleão, porém, decidiu seguir a mesma estratégia que preparara um ano antes (a campanha que fora cancelada com a queda de Robespierre). Três semanas após, tinham vencido três recontros, rápidos mas violentos, ocupando uma encosta perto de Ceva, no sopé dos Alpes.

Com sua tática funcionando ainda melhor que dantes, Napoleão levou um grupo de homens para um promontório de onde tinham uma vista magnífica. Em baixo, estendia-se a exuberante planície do Piemonte, que

iria ser tomada. Ao norte, estavam os Alpes, resplandecendo em seu manto de neve. Mais para além, a Áustria. «Aníbal atravessou os Alpes», anunciou Napoleão, «mas nós teremos de contorná-los.»

Toda a tropa ficou animada com a coragem infundida por Napoleão. Durante cinco dias, a despeito de uma chuva torrencial, perseguiram o inimigo e, depois de uma encarniçada batalha de um dia, em Mondovi, derrotaram os austríacos. Como consequência dessa vitória, os piemonteses pediram um armistício. Satisfeito, em seu quartel-general, Napoleão pensava cuidadosamente nas condições que devia impor. Seu exército tinha atuado bem. Havia morto 6 mil inimigos, capturado 12 mil, se apoderado de 21 estandartes e 40 canhões. Com um sucesso tão retumbante, Napoleão achava que podia impor condições severas, e o fez, exigindo a rendição de três importantes fortalezas na montanha.

Napoleão, no entanto, suspeitava de que os piemonteses iriam rejeitar seus termos. Ganharia mais avançando do que esperando uma resposta negativa. Assim, ordenou ao exército que avançasse, enaltecendo os soldados com elogios. «Meus companheiros de armas!», disse ele aos homens quando pararam em Cherasco. «Vocês têm ganho batalhas sem canhões, atravessando rios sem pontes, feito marchas forçadas descalços, muitas vezes têm montado acampamento com o estômago vazio... suas vitórias têm sido magníficas, mas outras ainda os esperam. Por terem mudado a face

da mais bela região da Europa, a glória imortal será de vocês.»

Pouco tempo depois, sem os piemonteses terem aceitado ainda os termos do armistício, as forças de Napoleão já estavam à distância de poderem invadir Turim. O astuto general tinha dividido Piemonte ao meio, para então poder atacar em duas direções. Os piemonteses logo reconheceram esse perigo ainda maior e, novamente, pediram tréguas. Nesse momento, Napoleão desferiu um golpe magistral. Exigiu as mesmas condições que anteriormente... e juntava ainda mais uma. O exército francês tinha de ter a garantia de poder atravessar livremente o rio Pó em Valença, e liberdade de marchar através do Piemonte. Assim, não seria necessária mais luta naquele país, e Napoleão estaria livre para invadir a Lombardia, atravessar Veneza e atacar a região meridional da Áustria.

Os emissários piemonteses chegaram naquela noite às 10:30, encontrando o quartel-general francês às escuras e desguarnecido. Passando por soldados que dormiam à porta, perambularam por ali, até um oficial do estado-maior de Napoleão os encontrar por acaso e levar para uma sala-de-espera. Meia hora depois, apareceu Napoleão. Impávido e indiferente, ele foi ouvindo, enquanto o emissário principal, Barão de la Tour, falava de generalidades. «Não recebeu uma cópia das condições que mandei ao rei?», interrompeu Napoleão. «O rei as aceitou?» Os emissários tentavam evitar o general, como que reclamando do rigor das exigências francesas.

Napoleão prosseguiu. «Desde que apresentei minhas condições», disse em tom aborrecido, «tomei Cherasco, ocupei Fossano, anexei Alba.» Suas palavras pareciam chicotadas. «Queriam que exigisse menos?»

Os emissários procuraram novamente evitar uma resposta direta, mostrando que aceitar as condições de Napoleão iria comprometer os tratados piemonteses com a Áustria. Então, tentaram impingir a Napoleão a idéia de que sua exigência para atravessar o rio Pó era tola. Napoleão perdeu o controle: «Ao conferir-me o comando do exército, minha República presumiu que eu tinha competência para saber o que seria de mais interesse para a França. Isso significa que não tenho de pedir quaisquer conselhos ao inimigo.»

Acabada a explosão, o general caminhou até a lareira e puxou o relógio. «Senhores, é uma hora. Devo avisá-los de que dei ordens para um ataque geral às duas da madrugada. Posso perder diversas batalhas, mas nunca me verão perder tempo por causa de indecisão.» O aposento ficou em silêncio, enquanto os minutos passavam. Os emissários se entreolharam e deram de ombros. Seu blefe fracassara. Rapidamente, redigiram os termos do armistício — os que eram exigidos por Napoleão.

Quando os mensageiros partiram para levar a notícia, Napoleão tirou de sua valise duas pequenas xícaras de porcelana barata e colherzinhas de latão, e ofereceu café ao Barão de la Tour. Então, sentando-se com ele diante da lareira, Napoleão apresen-

tou seu estado-maior aos piemonteses; depois, obsequiou-os com um jantar.

Os emissários, exaustos, partiram ao amanhecer, pelo mesmo portal desguarnecido por onde haviam chegado. Napoleão, à janela de seus aposentos, os via afastarem-se. Não podia esconder sua alegria. Fora mais arguto que os diplomatas. Provara a si mesmo que era mais do que um simples militar.

### É tão engraçado!

ENQUANTO Napoleão combatia na Itália, Josefina divertia-se em Paris. Ela prometera ir se encontrar com o marido e acompanhá-lo na celebração de suas vitórias. Em vez disso, escrevia-lhe apenas a cada quatro ou cinco dias, recusando-se a abandonar a vida alegre da capital francesa, as roupas caras que adorava, sua casa opulenta com o *boudoir* de espelhos ou... o novo amante.

Este se chamava Hippolyte Charles e possuía tudo que Napoleão não tinha. Era esbelto, louro, impetuoso capitão dos hussardos, perito na arte do amor. Josefina o conhecera pouco depois que Napoleão partira para a Itália, e Charles a fascinou. Então, suas cartas já pouco frequentes para Napoleão tornaram-se mais raras ainda, e algumas vezes eram de apenas algumas linhas.

Ser menosprezado assim levou Napoleão ao desespero. Pouco antes de negociar o tratado com os piemonteses, enviou um de seus ajudantes-de-ordens a Paris com uma mensagem especial. «Junot vai buscá-la», escre-

veu Napoleão. «Você estará aqui a meu lado, de encontro ao meu coração, em meus braços, junto de meus lábios. Ganhe asas... venha voando.» Josefina não respondeu, esperando que Napoleão desistisse, mas, na semana seguinte, o General Murat estava à sua porta com outra carta pedindo-lhe que fosse ao encontro do marido. Napoleão prometeu a Josefina todas as comodidades: criados, roupas, seu cachorrinho de estimação. Sorrindo recatadamente, ela murmurou para si: «Napoleão é tão engraçado!» Sem perda de tempo, inventou uma desculpa para não ir à Itália, e disse a Murat que estava grávida.

Enquanto isso, Napoleão esperava impaciente. Certa manhã, quando cavalgava com um ajudante-de-ordens, tirou o retrato de Josefina do bolso no lado do coração, e verificou que o vidro tinha-se quebrado. O general empalideceu; parecia que ia desmaiar. «Marmont!», disse baixinho. «Ou minha mulher está doente ou me é infiel.» Cravando as esporas no cavalo, galopou loucamente estrada fora.

A carta de Murat, contando a Napoleão que Josefina estava grávida, chegou de Paris poucos dias depois, e o general exteriorizou grande alegria. Ingenuamente, como uma criança, perdoou todas as faltas de Josefina e se regozijou por ela estar esperando um filho dele. Em seguida, começou a preparar uma nova série de ataques contra o estado da Lombardia e a próspera cidade de Milão.

Para atingir seus objetivos, Napoleão explorou o tratado anterior com

os piemonteses, no qual tivera permissão de atravessar o rio Pó. Para impedi-lo, os austríacos tinham reunido as tropas na cidade-aberta de Valença, mas, fazendo uma rápida marcha de 95 quilômetros pelas margens até Piacenza, Napoleão os ultrapassou, atravessou facilmente o perigoso rio e forçou o Duque de Parma a aceitar o cessar-fogo. Radiante, Napoleão escreveu a seu governo que, «se tudo correr bem, eu lhes enviarei 12 milhões de francos para o tesouro».

No dia seguinte, comandou as tropas para uma vitória decisiva em Lodi, e toda a Lombardia caiu nas mãos dos franceses. Em certo momento, durante a sangrenta batalha, Napoleão pessoalmente reorganizou suas tropas para conduzi-las através de uma chuva de balas. Nessa noite, em volta das fogueiras, seus homens não se cansavam de repetir vezes sem conta a proeza de seu general. Como resultado dessa bravura, os veteranos passaram a idolatrar Napoleão e o batizaram com o apelido de «Pequeno Cabo».

O caminho para Milão estava agora aberto e, no dia seguinte, as chaves da cidade foram entregues a Napoleão. Toda a Europa ficava assombrada. Mesmo os oficiais de Napoleão quase não queriam acreditar que tivessem logrado um feito de armas tão grandioso. «Era um exército que tinha falta de tudo», escreveu um ajudante-de-ordens a seu pai. «Sem roupas, sem sapatos, sem artilharia, muitas vezes sem munições, doze dias sem um pedaço de pão para comer — mas, com coragem, sempre obtivemos sucesso.»

Napoleão a cavalo entrou triunfante pelos portões da cidade. Montado em seu corcel branco, marchava a meio-trote pela rua, com o chapéu de plumas na mão, por entre multidões jubilosas, que gritavam *Viva a República!* e quase o derrubavam da montaria, em seu frenesi de quererem tocá-lo. A população celebrou o fim do odioso regime austríaco fazendo fogueiras e dançando nas ruas, enquanto os membros da nobreza se reuniam no palácio do Arquiduque Ferdinando para saberem o que lhes estava reservado. Ficaram felizes ao ouvirem Napoleão dizer: «Serão livres e terão mais segurança na liberdade do que os franceses. E ainda mais: receberão 500 canhões e a amizade da França.»

Seguiu-se uma festa suntuosa. No fim, Napoleão se retirou para uns aposentos principescamente decorados e se preparou para descansar. «Que acha que estarão dizendo a meu respeito em Paris?», perguntou a seu ajudante-de-ordens. «Não podem elogiá-lo como merece», retrucou o ajudante. Napoleão gostou do encômio e começou a apreciar a delicada decoração e as pinturas do quarto. «Bem!», disse, com um largo sorriso. «Ainda não viram nada. O futuro nos reserva sucessos muito maiores do que qualquer coisa que tenhamos tido.

### Vitórias vãs

EM QUINZE dias, Napoleão provou aos milaneses que podia ser tão cruel como magnânimo. Suas vitórias tinham de pagar o custo das campa-

nhas. Assim, quando instituiu pesados impostos, a fim de enviar dez milhões de francos para Paris, os milaneses se revoltaram. Napoleão subjuguou impiedosamente os insurretos e disse: «Não se pode domar um cavalo sem botas nem esporas.» Reunindo os líderes do governo de Milão, advertiu-os de que quaisquer outros protestos seriam punidos com pena de morte. Dizendo isso, partiu decidido para a batalha.

Avançando heroicamente para leste, capturou Brescia, Verona, Castelnovo e Peschiera, atravessando quase todo o Norte da Itália. Na primeira semana de junho, pôde afirmar a seu governo: «Os austríacos foram completamente expulsos da Itália. Nossas defesas avançadas estão no alto das montanhas alemãs. Ouro no valor de dois milhões de francos está a caminho de Paris.» Foi tão impressionante seu avanço que os dignitários do Reino de Nápoles e dos Estados Papais começaram a negociar tratados. Napoleão, no entanto, tinha outras preocupações.

Havia um mês que Josefina não lhe escrevia. Tudo que sabia, por sua última carta, era que ela estava doente, mas com uma enfermidade que não identificara. Numa pausa em seus afazeres, escreveu-lhe uma carta angustiada: «Se sua enfermidade continuar, obtenha permissão para que eu a veja por uma hora. Em cinco dias, posso estar em Paris. Sem você, sinto-me um inútil aqui. Não posso planejar uma vitória calmamente, enquanto o meu amor sofre. Minhas lágrimas afogam seu retrato.»

Ao mesmo tempo, escrevia a seu irmão José: «Meu caro, estou desesperado. A pessoa que mais amo neste mundo está doente. Estou perdendo a razão e já não posso ficar longe dela.» Alarmado com a carta, José imediatamente transmitiu a notícia ao Deputado Barras, que, por sua vez, propôs que o governo tentasse acalmar Napoleão. A França, segundo ele argumentava, não podia deixar que Napoleão abandonasse o exército e voltasse para Josefina. Por isso, esta teria de ir ao encontro de Napoleão. Teve ordem de fazê-lo e, debulhada em lágrimas, subiu à carruagem que a levaria a Milão. De súbito, um olhar para seu companheiro de viagem transformou as lágrimas de Josefina em sorriso. Em frente dela, com os joelhos tocando os seus, estava Hippolyte Charles. O amante ia também.

Napoleão ficou eufórico. Quando um mensageiro finalmente trouxe a notícia de que Josefina chegaria dentro de uma hora, ele montou seu cavalo e galopou para a entrada de Milão, a fim de receber a carruagem. Estava tão louco de desejo que nem notou Hippolyte Charles sentado diante da sua bem-amada; mais tarde, Napoleão o convidou para jantar. Josefina escreveu a um amigo: «Meu marido me adora. Penso que vai enlouquecer.»

Napoleão ficou com Josefina só dois dias, antes de deixar Milão para capturar a fortaleza de Mântua, o último e o mais importante dos baluartes austríacos na Itália. Percebendo que seria muito difícil atacar, colocou a cidade em estado de sítio e se encontrou com Josefina em Verona.

Novamente sua felicidade foi breve. Os austríacos contra-atacaram, expulsaram as tropas francesas de seus postos avançados e penetraram pelos desfiladeiros das montanhas, mesmo à vista do casal, que tomava café depois do almoço.

Esse avanço austríaco ia sendo um golpe fatal para Napoleão. Josefina fugiu num coche e quase foi morta poucas horas mais tarde às margens do Lago de Garda, quando um de seus guardas e dois cavalos foram baleados. Pior ainda foi que os austríacos interromperam as comunicações de Napoleão com Milão, retomaram Brescia e aprisionaram dois dos melhores generais franceses como reféns. Muitos adeptos de Napoleão começaram a acreditar que a causa estava perdida. Houve um rumor de que os Estados Papais e o Reino de Nápoles estariam se preparando para quebrar o armistício. Examinando o caos à sua volta, Napoleão anunciou calmamente que tinha um plano: iria atacar!

Mais uma vez, teve sucesso fazendo exatamente o que planejava. Os austríacos eram mais numerosos, como sempre (80 mil soldados, contra 40 mil de Napoleão); assim, os franceses introduziram uma cunha entre os austríacos, e os dividiram em duas hordas, derrotando facilmente o General Quasdanovitch e seu exército. Voltando sua atenção para o outro exército austríaco, comandado pelo General Wurmser, Napoleão preparou uma armadilha fingindo se retirar da pequena cidade alpina de Castiglione. Os austríacos rapidamente mandaram unidades em sua perseguição, mas

constatarem que a manobra expunha seus flancos a um impiedoso fogo de artilharia. Nessa altura, Napoleão deu ordem para que seus canhões abrissem fogo; o efeito foi aterrador e os austríacos acabaram derrotados.

Avançando com as tropas tão impetuosamente como podia, Napoleão perseguiu os sobreviventes em direção ao norte, através dos Alpes, e cruzou a fronteira austríaca. Depois, veio novamente para o sul e, deixando Mântua cercada, apoderou-se de todo o Norte da Itália.

Só em novembro é que Napoleão teve possibilidade de planejar uma estada mais longa em Milão com Josefina. Como sempre, as cartas dela tinham sido raras. Certa noite, antes de ir dormir e sentindo-se terrivelmente só ao sentar-se em sua tenda, Napoleão abriu o coração numa carta. «Você não me escreve mais», dizia ele no fim. «Não pensa mais em seu amigo, mulher cruel! Você não sabe que, sem seu amor, não há felicidade nem vida para mim? Amar Josefina é viver nos Campos Elísios. Oh, beijar sua boca, seus ombros, seu corpo...»

Os dias se passaram sem qualquer resposta, e Napoleão se convenceu de que Josefina arranjava um amante. Incapaz de se conter por mais tempo, e com o coração palpitando loucamente, ele tomou sua carruagem e partiu para Milão a toda a velocidade. Chegando nervoso à porta da casa de Josefina, Napoleão entrou correndo. A casa estava vazia. Josefina fora para Gênova com Charles.

Napoleão ficou decepcionado e teve dificuldade em conter as lágrimas.

«Deixei tudo para vê-la», escreveu-lhe naquela noite, «para apertar você em meus braços... você não estava! Não se importa mais com seu querido Napoleão. Algum capricho fez você amá-lo; a inconstância a fez esquecer-lo. Bem, não se preocupe, vá atrás de seus prazeres. A felicidade foi feita para você. O mundo será feliz se puder agradar-lhe, e seu marido, sozinho, ficará terrivelmente infeliz.»

Continuou a escrever-lhe todas as noites, principiando a cair num estado de apatia. Não comia nem dormia, e seus ajudantes o observavam horrorizados à medida que ele emagrecia cada vez mais, com os ossos lhe sobressaindo na lívida pele. Passou-se muito tempo até que ele compreendesse a verdade: Josefina não o amava, nunca o amaria. Daí em diante, as cartas de Napoleão já não exprimiam amor. Reservaria sua paixão para o campo de batalha.

#### «Vocês terão a honra de atacar»

DOMINADO por índole perversa, Napoleão começou a governar a região conquistada como se fosse um déspota absoluto. À medida que o inverno de 1797 avançava, ele ia dando cada vez menos atenção às diretrizes que recebia, indo ao ponto de advertir Paris de que, «se eu não for tratado como a autoridade mais alta na Itália, vocês correm grandes riscos».

O governo francês não poderia deixar-se influenciar por isso. Napoleão enviara 20 milhões de francos para financiar o novo regime, e suas tropas eram auto-suficientes no campo

de batalha. Certo dia, porém, Napoleão se excedeu aludindo a «crimes» cometidos em nome da liberdade durante revoluções. Irado com esse insulto, Barras e seus colegas decidiram que Napoleão tinha de ser controlado a qualquer preço, e enviaram o hábil General Clarke, de origem irlandesa, para concluir um tratado de paz em separado com a Áustria, que minaria o poder político de Bonaparte.

Antes de ir para a Áustria, Clarke visitou Milão, onde esperava encontrar o mesmo Napoleão, rude e irascível, que deixara Paris depois de ter casado com Josefina. Em vez disso, ficou surpreendido ao descobrir que Napoleão se tornara um político sensato, com mais gosto no vestir, e que lia César, Plutarco e Maquiavel quando ficava só à noite. Clarke viu Napoleão preparando a estratégia para uma marcha sobre Viena, planejando a criação de estados unidos interligados na Itália, ditando cartas no campo de batalha e, por vezes, escrevendo até 30 despachos num único dia. Quase sem querer, Clarke começou a admirar o homem cuja carreira estava encarregado de destruir; desse modo, enviou uma informação secreta a Paris, declarando que Napoleão era um homem que acreditava firmemente na República e que «nunca seria um perigo para seu país».

Depois de Clarke se ter tornado seu aliado, Napoleão o convenceu de que o único meio de obter a paz era manter poderio militar sobre os austríacos. Enquanto isso, estes haviam organizado um novo exército de 80 mil homens que marchava para

o sul a fim de expulsar Napoleão da Itália; já se aproximava do Passo de Ádige, elo vital entre a região montanhosa alemã e as férteis planícies da Itália. Napoleão soube disso quando estava com febre tão alta que seus inimigos já celebravam a eventualidade de sua morte. Contudo, as perspectivas de entrar de novo em guerra fizeram melhorar o estado de saúde do general. Deixando o leito, Napoleão ordenou que reunissem as tropas, e comandou-as para o norte, na direção do Lago de Garda, para a cidadezinha de Rívoli.

Logo depois que chegaram, numa manhã fria, os franceses depararam com uma visão terrível. Do planalto onde estavam, podiam ver nas montanhas à sua volta multidões de austríacos antegozando eufóricos as possibilidades de uma vitória fácil. Os soldados franceses olhavam nervosamente para seu líder, que simplesmente se mantinha inexpressivo, erguendo o olhar para o inimigo. «Estão em nossas mãos», disse Napoleão calmamente. Os oficiais e soldados franceses que haviam ouvido o comentário trocaram olhares de espanto. Napoleão repetiu a frase, marcando bem as palavras: «Estão em nossas mãos!»

O número de austríacos, em seus uniformes brancos, aumentava a cada minuto. Nisto, começou a chover metralha nas posições francesas, e os soldados só não fugiram devido à aparência imperturbável de Napoleão. Subitamente, um regimento francês atacou do sul, atravessou as linhas austríacas e marchou para o planalto com os estandartes tremulando e os

clarins em clangor. «Bravo, décimo oitavo regimento!», gritou Napoleão, galopando para frente das linhas. «Vocês travaram uma nobre batalha, aumentaram sua glória. Agora terão a honra de ser os primeiros a atacar os austríacos que ousaram nos cercar.»

Incitado pelas inflamadas palavras de Napoleão, o 18.º Regimento liderou a carga pelas montanhas acima. Os franceses investiram furiosamente pelas encostas, disparando os fuzis e usando as baionetas com ímpeto feroz, arremessando pelos precipícios os inimigos, que vinham cair no vale cá em baixo. Passada uma hora, a luta terminara e o exército da Áustria recuava definitivamente para seu país, enquanto as restantes tropas austríacas na cidade sitiada de Mântua se rendiam. Napoleão era indubitavelmente vitorioso.

As notícias de seus retumbantes triunfos se espalharam por Paris rapidamente. O povo dançava nas ruas e os jornais intitulavam Napoleão de super-homem. O governo, incapaz de colocar a opinião pública contra Bonaparte, desistiu de querer dar-lhe ordens.

Naquele momento, pouco importava que Josefina não o amasse. Ao sentar-se em sua tenda, redigindo uma gloriosa ordem-do-dia para seu exército, Napoleão ponderava sobre quanta coisa acontecera desde seus tempos de tenente, anônimo e sem dinheiro, apenas 11 anos antes. Furiosamente, sua pena arranhava o papel: «Soldados! Vocês foram vitoriosos em 14 batalhas e 70 combates menores. Capturaram mais de 100 mil

prisioneiros... Em nome da República, conquistaram as mais belas terras da Europa. As cores francesas tremulam pela primeira vez nas praias do Adriático. Mas um destino maior os aguarda...»

Terminando, assinou seu nome com um rebuscado arabesco, convicto de que poderia levar a França ao pináculo da glória.

*Nota dos editores:* Na década que se seguiu, a estrela de Napoleão resplandeceu. O general engendrou um golpe de Estado em Paris e se tornou cônsul do novo governo francês. Como chefe de Estado, estabilizou a precária situação financeira do país e, então, partiu para o campo de batalha, onde infligiu uma fragorosa derrota aos austríacos em Marengo. Em 1804, Napoleão proclamou-se Imperador. Durante cinco anos de conquistas, criou diversos estados vassalos, distribuiu títulos a seus parentes e derrotou os exércitos coligados da Europa nas batalhas de Austerlitz, Iena, Friedland e Wagram. Sua segunda esposa, Marie Louise da Áustria, deu-lhe um filho em 1811 e a glória de Napoleão chegou ao cume — para se desvanecer depois tão depressa como subira. Uma desastrosa campanha contra a Rússia terminou num fracasso que levou à perda de todo o território pouco antes conquistado pela França. Em 1814, Napoleão abdicou. Banido para Elba, fugiu e voltou ao poder, mas logo foi derrotado em Waterloo. Preso e novamente exilado, passou seus últimos anos na desolada ilha de Santa Helena, onde morreu a 5 de maio de 1821. ▲